

Três anos após a morte de Fughetti Luz, lenda e eterna luz a incidir sobre o rock gaúcho, *Jornal do Comércio* resgata entrevista histórica do artista

## Reportagem Cultural

# Feiticeiro do tempo e da música

Cristiano Bastos, especial para JC

Alma consagrada ao rock'n'roll, Fughetti Luz (1947-2023) partiu deixando um rastro de luz e uma mensagem libertária que continua a enfeitiçar gerações. Ele não foi apenas um músico; foi um canal onde o som se transformava em éter e a poesia se tornava fogo. A entrevista exclusiva a seguir, senhoras e senhores, serviu de base para a escrita do perfil especial (sob o título *O Iluminado*) publicado originalmente em maio de 2021 – mês em que o artista completou 74 anos – nas páginas do caderno Viver do *Jornal do Comércio*. Marco Antonio de Figueiredo Luz, carinhosamente conhecido por seus inúmeros admiradores como Fughetti Luz, a concedeu diretamente de Tapes, localidade situada no Centro-Sul do Estado, onde residia na época.

Realizada em meio ao isolamento da pandemia e com a valiosa interveniência e auxílio de sua filha, Shanti Luz, a conversa revela-se hoje um documento histórico e espiritual: trata-se, muito provavelmente, da última entrevista concedida pelo mestre, um registro final em que ele abriu as portas de sua percepção a partir de seu refúgio à beira da lagoa.

A trajetória de Fughetti foi marcada por “enclaves temporais” e geográficos, mas sua gênese como espírito indômito remonta aos jardins da Vila do IAPI, em Porto Alegre. Lá, Fughetti viveu uma infância moldada pela dualidade entre a fragilidade física e a força hercúlea da imaginação. Aos três anos de idade, ele foi acometido pela paralisia infantil, uma condição que, para muitos, seria uma sentença de limitação,

mas que para ele funcionou como combustível para a rebeldia. Na biografia *Fughetti Luz - O Rock Gaúcho*, assinada pelo jornalista Gilmar Eitelvein, o músico define-se como um “eterno rebelde”, inclusive em relação à sua deficiência. “Tudo que não me deixavam fazer quando criança, eu fazia”, recordava ele com o brilho nos olhos de quem nunca aceitou “não” como resposta. Se não podia jogar bola, lá estava ele disputando partidas nos campos do IAPI. Se diziam para não andar de bicicleta, ele desafiava a gravidade aprendendo a pedalar com uma perna só. Fughetti ia tomar banho no Guaíba com os moleques da vizinhança, ignorando as recomendações médicas e familiares. “Sempre fui perturbador, só fazia arte. A paralisia foi um presente na minha vida; me ensinou a ser mais legal e mais maluco”, dizia, subvertendo a lógica do sofrimento em favor da transcendência.

Essa ‘maluquez’ sagrada foi o imã que o aproximou de seus primeiros parceiros de estrada: os irmãos Marcos e Mimi Lessa, Edinho Espíndola e Wilmar Santana, o ‘Peco’. Juntos, eles formariam o Liverpool, grupo que se tornaria uma lenda do rock psicodélico nacional. Em 1969, Fughetti fazia sua estreia discográfica com o álbum *Por Favor, Sucesso*. O LP, que amalgama tropicalismo e psicodelismo de forma absolutamente *sui generis*, converteu-se em um dos objetos mais cultuados da discografia brasileira. Para Fughetti, aquele disco foi o Big Bang de sua jornada. “Significou uma grande abertura de portas. Foi através dele que vislumbrei a possibilidade de, por meio da música, levar



PAULO COSER/REPRODUÇÃO/JC

alegria, arte e rock'n'roll para um grande número de pessoas”.

Após a experiência com o Liverpool e passagens por grupos como Bobo da Corte, Laranja Mecânica e Trilha do Sol, Fughetti e seus comparsas elevaram a temperatura com o Bixo da Seda. Em 1976, o grupo lançou seu único registro em vinil, um marco de virtuosismo e um dos raríssimos álbuns de rock lançados por uma

banda gaúcha nos anos 1970. Foi nessa fase que Fughetti consolidou sua imagem de mestre de cerimônias do rock visceral, unindo a sofisticação brasileira ao peso das guitarras.

Um capítulo central desta memória é o tempo em que habitou a mítica casa no número 35 da Avenida Alberto Pasqualini. Fughetti relembra com saudade a eferescência daquela morada, que

funcionou como uma incubadora alquímica para o rock gaúcho. Foi entre aquelas paredes que ganharam vida clássicos imortais como *Campo Minado*, *Nosso Lado Animal*, *Solitário Rocker* e *Nova Pulsação*, servindo de escola para bandas que viriam a seguir, como Bandaliera, Guerrilheiro Anti-Nuclear e Taranatirixa.

**Leia mais na página central**



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Valorizando o aspecto musical

Transferida da temporada passada para a atual, graças a percalços orçamentários enfrentados pela Sedac, a encenação da ópera *La Traviata*, pela Cia. de Ópera do Rio Grande do Sul (Cors), foi o espetáculo que serviu de comemoração ao primeiro ano de atividades do Teatro Simões Lopes Neto, do Multipalco Eva Sopher.

O público operístico de Porto Alegre, de modo geral, e à semelhança de boa parte dos aficionados pela ópera em todo o mundo, é bastante conservador: quer assistir sempre às mesmas obras, ainda que sob montagens e direções musicais diversas. No caso de *La Traviata*, de Giuseppe Verdi, o sucesso é garantido. A obra, estreada em 1853, baseada no romance *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, com libreto de Francisco Maria Piave, revela uma inspiração admirável de Verdi, musicalmente falando, desde a abertura até o último segmento. Ao mesmo tempo, o libreto de Piave faz significativas mudanças no enredo original, o que o torna mais crítico quanto ao papel social das *cocottes* que frequentavam a alta sociedade parisiense, pouco sensibilizada pelo abandono e desrespeito à mulher em geral. Neste sentido, a escolha da obra é muitíssimo oportuna: século e meio depois, infelizmente o tema continua atual e presente em nossos debates.

A produção da Cors teve concepção e direção cênica de Flávio Leite, com regência do maestro Marcelo de Jesus. Desde os primeiros acordes, e graças à perfeita acústica do Teatro Simões Lopes Neto, a gente se sente deleitado pela música, perfeitamente interpretada pela orquestra do Theatro São Pedro. *La traviata* (em sentido livre, “a transviada”) é uma ópera feita especialmente para uma intérprete feminina, que permanece em cena durante praticamente toda a extensão dos três atos. Ou seja, a intérprete precisa ter fôlego. Ludmilla Bauerfeldt foi a escolhida, como convidada, alternando-se com Elisa Machado, soprano local; Giovanni Tristacci foi o tenor destacado, como convidado, alternando-se com o local Felipe Bertol. Na récita que assisti, a de sábado à noite, a dupla Bauerfeldt-Tristacci comandou

o espetáculo; desde a primeira intervenção, Ludmilla encantou a todos. A tonalidade e limpeza de registro, a amplitude e segurança do alcance das notas capturaram simpatia e admiração. Sua figura física podia não ser a ideal para a personagem que, imagina-se, deveria ser muito jovem (para os parâmetros da época); se esta situação me incomodou um pouco no primeiro ato, esqueci-a de todo no segundo e no derradeiro momento do espetáculo, em meio à dramaticidade arrebatadora.

O tenor não teve a mesma sorte. Seu registro de voz é muito bonito, seguro, mas sua presença no palco não é convincente, faltando-lhe empenho para o envolvimento com a personagem feminina (no último ato, até relógio de pulso ele chegou a exhibir). Espero que Felipe Bertol tenha se havido melhor com sua tarefa. Lício Bruno, como o pai do jovem enamorado, tem um registro excepcional de baixo-barítono.

O cenário de Eduardo Menna deve ser aplaudidíssimo: quer a solução inteligente para os primeiro e último atos (o mesmo espaço, mas, no último, destituído de todos os adereços, a traduzir a miserabilidade da personagem), quer o do segundo ato, constituído por uma parede coloca-

da à frente do espaço anterior, facilmente acrescentado ou retirado do palco. Mais que isso, Menna fez estudo cuidadoso do ambiente cultural e artístico em que a encenação foi ambientada (não a época de Verdi, mas os anos 1920 da chamada *belle époque*), com a presença de uma tela da pintora Tamara de Lempicka, com seu *Retrato de Ira P.*, de 1929, a que depois se seguiu a tela de René Magritte *O espelho falso*, de 1928). O vitral de fundo, no primeiro e derradeiro atos, igualmente foi cuidadosamente constituído, com enorme efeito dramático ao final, quando traduz a ênfase religiosa que o libreto de Piave busca.

A coreografia de Maurício Miranda permitiu naturalidade à movimentação do coral, enquanto a iluminação de Veridiana Mendes valorizou espaços cênicos e figurinos. Destaque para a maquiagem de Hanny Barcellos, sobretudo no ato final. Valeu esperar um ano: a Cors não nos decepcionou.

*A escolha de La Traviata é muitíssimo oportuna: século e meio depois, o tema continua atual e presente nos debates*

## Europa ameaça cortar verba da Bienal de Veneza caso pavilhão russo seja reaberto

A Comissão Europeia ameaçou cortar € 2 milhões, cerca de R\$ 10,8 milhões, destinados à Bienal de Veneza, mais importante mostra de arte contemporânea do mundo, caso o pavilhão da Rússia seja reaberto neste ano.

A Rússia está impedida de participar da exposição desde 2022 como retaliação à Guerra na Ucrânia. A reabertura de seu espaço está previsto para a próxima edição do evento, que começa no dia 9 de maio. A decisão, porém, está gerando atrito entre a União Europeia, o governo da Itália e a direção independente da Bienal.

A vice-presidente da Comissão Europeia, Henna Virkkunen, e o comissário europeu para a Cultura, Glenn Micallef, condenaram a decisão da direção da Bienal em uma nota publicada no último dia 10 de março. Na última sexta-feira, segundo a imprensa italiana, a Agência Executiva Europeia da Educação e da Cultura (Eacea), que gere fundos da UE para projetos de educação e cultura, enviou uma carta ao presidente da Bienal, Pietrangelo Buttafuoco, na qual informava que a Comissão Europeia havia iniciado um procedimento para congelar ou revogar o financiamento destinado à instituição cultural.

A Comissão concedeu 30 dias para que a instituição esclareça sua posição. A participação russa, segundo a UE, é considerada uma violação das

sanções contra o país devido à invasão da Ucrânia. O governo de ultradireita italiano, liderado por Giorgia Meloni, também desaprova a reabertura do pavilhão.

Um dos integrantes do governo local a expressar sua insatisfação com a reabertura foi o ministro italiano da Cultura, Alessandro Giuli. E o fez com um gesto político que causou constrangimento aos organizadores do evento. Apesar de ter afirmado publicamente que respeita a soberania artística da Bienal, ele abriu mão de prestigiar a restauração do pavilhão central da exposição para visitar Lviv, uma cidade atingida pelos ataques russos - um recado claro demais para passar despercebido.

Membros do parlamento europeu e da oposição na Itália, por outro lado, apontam o que chamam de hipocrisia da Europa, que nega a participação russa mas aprova a presença de Israel na Bienal.

“A Comissão Europeia levanta a voz e ameaça sanções pela presença da Rússia, mas se cala e não impõe nenhuma condição à participação de Israel, apesar do genocídio perpetrado em Gaza e dos mais de 70 mil mortos”, disse o eurodeputado Angelo Bonelli, do partido Europa Verde. Ele lembrou aos demais membros da comissão a carta assinada em março por 187 intervenientes e que apelava à exclusão de Israel.



Pavilhão da Rússia na Bienal de Veneza, em imagem de divulgação de 2021

# fique ligado

## Orquestra ao lado de uma companhia de dança

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) se une à Companhia de Dança Carol Dalmolin e traz ao público uma apresentação que une dança e música em *Quadressências*, com música de Daniel Wolff. A apresentação dá vida ao balé de Wolff através da coreografia de 22 bailarinos e tem duas sessões, no sábado e no domingo, às 17h, na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Ingressos

no Sympla a partir de R\$ 15,00.

*Quadressências*, do compositor gaúcho Daniel Wolff, é um balé organizado em cinco partes: uma introdução e quatro movimentos representando os elementos da natureza - fogo, ar, água e terra. A composição foi criada por encomenda do maestro e atual diretor artístico da Ospa, Manfredo Schmiedt, que assume a regência da apresentação.

Após passar por palcos de outras cidades gaúchas, *Quadressências* chega a Porto Alegre com nova coreografia e cenários, criados pela coreógrafa e diretora cênica Carol Dalmolin. A coreografia traz elementos do balé clássico e da dança contemporânea, e os bailarinos utilizarão figurinos que, combinados aos elementos cênicos, fazem referências aos elementos da natureza.

FERNANDO ESPINOSA/DIVULGAÇÃO/JC



Espectáculo *Quadressências* terá edições sábado e domingo na Casa da Ospa

### Cada vez mais vidas para Day Limns

Day Limns encerra sua turnê pela região Sul neste domingo, às 20h, no Espaço Marin (Prof. Cecy Cordeiro Thofehr 413). Finalista do *The Voice Brasil*, a artista traz os maiores sucessos da carreira no show *7 Vidas*, que já passou por Santa Catarina e Paraná. Os ingressos estão à venda no Sympla, a partir de R\$ 70,00.

Com composições gravadas por artistas como Anitta, Luísa Sonza, Ludmilla e Demi Lovato, Day é reconhecida por trabalhos autorais impactantes como *Penhasco2* e *Imagina*. A artista retorna a Porto Alegre com um espetáculo que reflete o seu atual momento, trazendo novos hits e canções já conhecidas pelo público.

### João Suplicy canta Chico Buarque

Nesta sexta-feira, o Espaço 373 (Rua Comendador Coruja, 373) recebe os clássicos de Chico Buarque através da voz de João Suplicy. Trazendo os maiores sucessos de um dos artistas mais importantes da MPB, o show tem início às 21h e os ingressos estão à venda no site Tri.RS por valores a partir de R\$ 80,00.

Acompanhado de Vitor da Candelária na percussão e

de Gibson Freitas no baixo acústico, Suplicy traz na voz e violão canções como *Olhos nos Olhos*, *João e Maria*, *O Meu Guri*, *Geni e o Zepelim* e *Samba e Amor*.

Em uma performance recheada de nostalgia e celebração, o músico inova ao trazer os conhecidos sons de Chico com uma nova roupagem, dando seu toque *Sambues* às composições.

### Humor e representatividade com Fernando Pedrosa

Neste sábado, o humorista Fernando Pedrosa apresenta seu primeiro espetáculo solo no palco do Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80), às 21h30min. O show *Xaveca a Plateia e Bebe Vinho* traz as experiências da comunidade LGBT+ em uma abordagem de representatividade e olhar sensível, livre de estereótipos. Os ingressos estão à venda no site uhuu.com, com ingressos a partir de R\$ 30,00.

Em seu primeiro show solo, o artista anima o público com seu humor afiado e acolhedor. Fernando é conhecido por aproximar o público LGBTQIAPN+ do universo da comédia, reinserindo um público que, por muito tempo, não se enxergava nesse tipo de apresentação e desenvolve uma ideia de humor interativo e inclusivo, feito para quem quer se divertir sem abrir mão do respeito.

## AGENDA

### SEXTA-FEIRA, 17 DE ABRIL

🕒 **19h** - DroneArt Show chega a Porto Alegre com espetáculo inédito que une música clássica e drones. No Jockey Club do RS (Diário de Notícias, 750), ingressos à venda em <https://feverup.com/m/545238>. Repete sábado, 19h.

🕒 **19h30min** - Espetáculo internacional *As Guardiãs K-Pop* combina música, narrativa e elementos visuais. No Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). Restam poucos ingressos do terceiro e último lote, a partir de R\$ 150,00, no Sympla.

🕒 **21h** - Liderada pelo ex-Raimundos Rodolfo Abrantes, banda Rodox volta aos palcos e traz seu rock pesado com temas existenciais e espirituais no Opinião (José do Patrocínio, 834). Entre R\$ 140,00 e R\$ 280,00 no Sympla.

### SÁBADO, 18 DE ABRIL

🕒 **10h** - O Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs - Praça da Alfândega, s/nº) apresenta as exposições *José Verá - Mbya Nhenhandu Reko: A essência da sabedoria Guarani* e *MAHKU - Vende tela, compra terra*. Entrada gratuita.

🕒 **11h** - Quarteto Eles para Elas abre temporada 2026 dos Concertos Capitólio. Sábado, na Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1085). Entrada franca.

🕒 **14h às 20h** - Terceira edição do ano do Bazar Encantado, incluindo feira mística com produtos voltados às culturas alternativas e aulas abertas e performances de dança. Na Praça Júlio Mesquita, próximo à Usina do Gasômetro. Livre.

🕒 **16h** - Obras Comentadas celebra os 50 anos de carreira de Zé Caradípia. Bate-papo com mediação de Felipe Antunes. Transmissão online gratuita pelo canal do mediador no Youtube.

🕒 **16h30min** - Teatro de rua *Teiniaguá - a Lenda da Salamanka do Jarau*, novo espetáculo da Oigalê Cooperativa de Artistas Teatrais. No Parque da Redenção, próximo ao chafariz, com entrada franca. Em caso de chuva, a data será transferida.

🕒 **17h** - Performance artística *CorpoSamba - Oficena* reúne dança, música e provocações sobre o próprio corpo e sobre corpos frequentemente marginalizados. No Parque Harmonia, ao ar livre, com entrada livre.

🕒 **18h** - Léo Ferlauto (teclado e voz) e Tina Oliveira (voz) trazem clássicos da música brasileira no recital intimista *LiAme*. No Ecarta Musical (João Pessoa, 943), entrada franca.

🕒 **19h** - Roger Lerina recebe a banda Frescoboyes como principal atração na Festa Reüna, tocando temas autorais e releituras da MPB no Grezz (Almirante Barroso, 328). A partir de R\$ 25,00, no Sympla.

🕒 **20h** - Mãe e filha, Simone e Madalena Rasslan sobem juntas ao palco do Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089) para apresentar o espetáculo *Casa*. A montagem tem o selo Multipalco de Grandes Espetáculos RS. A partir de R\$ 15,00, no site do Theatro São Pedro e na bilheteria local.

🕒 **20h** - 43ª edição do Festival Rocha Dura promove show com bandas Välika, Punkrockets, Os Aciderais, Sem Carisma, Afronta Canis e Hipátia, todas elas com mulheres na formação. No Caos Bar (João Alfredo, 701), R\$ 15,00 antecipados pelo site da casa e R\$ 20,00 no local.

🕒 **22h** - Um dos destaques do rap nacional, Filipe Ret estará no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). A partir de R\$ 120,00 no Sympla.

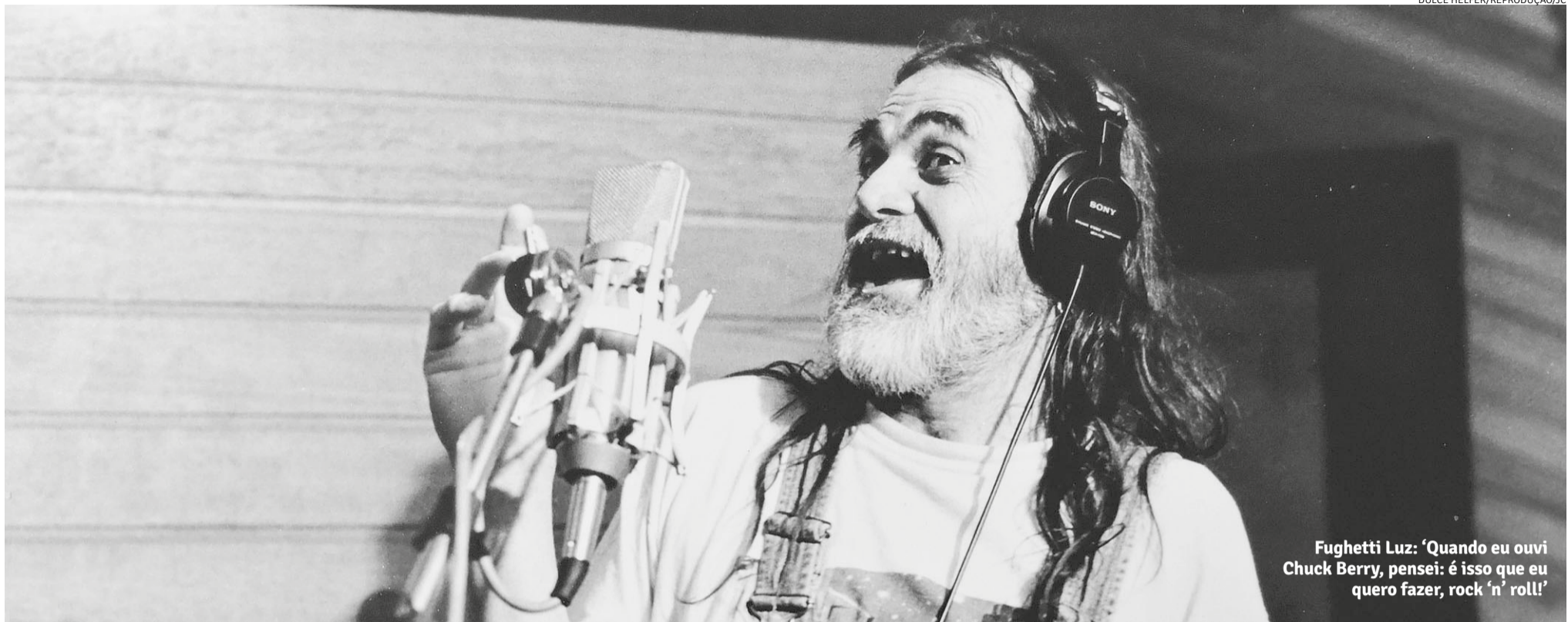
🕒 **23h** - Festa *open bar* Rock N' Bira no Opinião (José do Patrocínio, 834). Rock autoral com Serna Peyote e tributos a Beatles, Creedence Clearwater Revival, Aerosmith e Deep Purple. R\$ 109,00 (com bebida liberada) e R\$ 52,00 (Mezanino, sem open bar) no Sympla.

### DOMINGO, 19 DE ABRIL

🕒 **18h** - Liane Venturella e Catarina Domenici apresentam o espetáculo *Meretrizes* no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). A obra é parte da programação do selo Multipalco de Grandes Espetáculos RS. De R\$ 10,00 a R\$ 80,00, no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco.

🕒 **19h** - O Grezz (Almirante Barroso, 328) recebe show da Hard Blues Trio, em parceria com o gaitista chileno Gonzalo Araya, trazendo *standards* do blues e temas instrumentais de gaita. Entrada franca, com retirada de ingressos no Sympla.

# reportagem cultural



Fughetti Luz: 'Quando eu ouvi Chuck Berry, pensei: é isso que eu quero fazer, rock 'n' roll!'

## Fughetti Luz: 'A música te leva adiante'

Cristiano Bastos\*

Nesta conversa, o mestre Fughetti Luz revisita sua cosmologia particular, das leituras de Tolkien e Nietzsche à descoberta de Elvis Presley, das memórias das gravações da trilha do filme *Marcelo Zona Sul* à parceria mística com Carlinhos Hartlieb. Fughetti relata a resistência necessária em tempos de "campos minados" políticos e fala com orgulho do álbum *Tempo Feiticeiro* (2017), que considerava sua grande obra-prima. Com humor, ele ainda comenta a sobrevivência de sua obra no presente, incluindo a inusitada versão *dance music* de seus clássicos feita pelo coletivo *Império da Lã*. Prepare-se para ouvir quem, com os pés na areia e a alma no cosmos, nos deixou este testamento de paz. Como ele mesmo profetizou: "A música nos leva adiante".

**Viver- Fughetti, como foi que o rock'n'roll te "pegou" lá no início, no IAPI?**

**Fughetti Luz:** O meu irmão levava discos do Elvis Presley pra dentro da baía, então essa coisa já estava no meu sangue. Meus irmãos dançavam rock'n'roll na sala e eu ficava ali, garotinho, vendo tudo,

escutando doidão. Sempre amei aquilo - até o ponto em que o rock começou a me transformar.

**Viver - Esse rock que te "transformava" acabou sendo o combustível para enfrentar um dos teus primeiros grandes desafios, ainda na infância. Como tu recordas os tempos no IAPI, lidando com a paralisia infantil e, ao mesmo tempo, convivendo com figuras como a Elis Regina?**

**Fughetti Luz -** A paralisia foi um presente; me ensinou a ser mais legal e mais maluco. Eu jogava futebol e andava de bicicleta com uma perna só, desafiando tudo. No IAPI, a gente era uma turma indomável. A Elis Regina estava ali também, aquela Pimentinha que todo mundo conhecia. A gente vivia nos jardins, nas escadarias, e ali eu já sentia que a vida não ia ser comum. Eu trocava o futebol pelos livros de Tolkien e pela filosofia de Nietzsche. Enquanto a gurizada estava na bola, eu estava abrindo a cabeça, me preparando para o que vinha. Aquela infância no IAPI foi o meu batismo de fogo.

**Viver - Querias falar da criação de hinos como *Campo Minado* e essa mentoria com a gurizada do Bandaliera. Todo esse movimento convergia para um endereço: a casa na Alberto Pasqualini. Como era a rotina naquela "incubadora" e de que forma aquele ambiente influenciou a composição desses clássicos?**

**Fughetti Luz -** Fui para lá em 1980. Eu cheguei do Rio. Foi uma época muito boa. Tinha uma casa com um pátio. Fizemos uma horta. Curti muito aquele lugar. Aí comecei a escrever músicas como *Campo Minado*, *Meu Lado Animal* (Ro-

quinho é do tempo do Liverpool). Depois peguei a Bandaliera, após o fim do Bixo da Seda (em 1980), e levei a Bandaliera para a estrada com as minhas músicas. E o Guerreiro Anti-Nuclear levei para o estúdio, ensaiamos, e dei dez músicas para eles gravarem. Foi muito legal. Fico muito faceiro e agradecido.

**Viver - O que a época da Pasqualini e a Casa do Sabará representam para a sua identidade como compositor independente?**

**Fughetti Luz -** A Pasqualini foi um momento muito prolífico. Fizemos um estúdio no quarto da casa, coloquei um piano Fender Rhodes, forrei as paredes com caixas de ovos, tudo enfeitado com panos coloridos. Tri loco. Fiz o estúdio, levei um monte de músicos para lá e o som rolava até as 10 da noite. Não parava. Depois ainda sentávamos na sala e ficávamos escutando discos. Era uma curtidão. Comprávamos um monte de discos de blues e de jazz. Dei todos os discos de presente. Eram os "presentes do

Fuga". Presenteei o mundo inteiro. Até meu fogão a lenha dei. Passei 20 anos lá. De 1980 a 2000. Depois vim para Tapes, onde já estou há 20 anos; cheguei aqui com as azaleias brilhando, cheias de flores.

**Viver - Você sempre foi uma referência para as bandas que surgiram depois. Como foi produzir talentos, como a Barata Oriental e os Darma Lóvers?**

**Fughetti Luz -** Eu produzi o primeiro disco da Barata e os Darma Lóvers; o Nenung e a Yang Zam me procuraram para ver se eu aprovava o repertório deles. Como se eu fosse alguém para aprovar alguma coisa. Na verdade, eles confiavam tanto em mim que eu disse: "Podem ir para os teatros, podem ir para os clubes. Qualquer show que pintar, vocês estão prontos". E estão na raia até hoje.

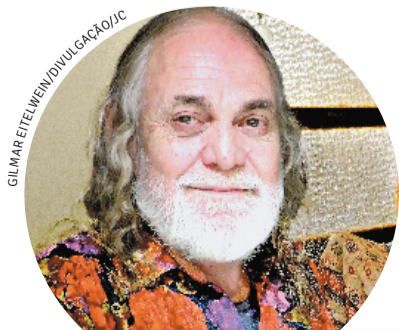
**Viver - Olhando para trás, o que o disco do Liverpool significou para vocês na época em termos de ambição, e como a sua visão sobre o sucesso mudou de**

**lá para cá?**

**Fughetti Luz -** O disco do Liverpool não tínhamos nem ideia se ia fazer sucesso ou não. Não passava pela nossa cabeça; nosso negócio era fazer música. Sucesso é ter família, é ter a filha que eu tenho, os músicos que tocaram comigo. O contrato com a gravadora para outros discos, infelizmente, não aconteceu porque ganhamos o Festival Internacional da Canção, no Teatro da Reitoria da Ufrgs. Quem ganhava se ia para o Rio gravar um disco, hotel, 'ypsilon', curtidão, banho de mar. De uma hora para outra, nós viramos maloqueiros, ficamos ricos.

**Viver - Um dos momentos mais icônicos daquela época foi a interpretação de *Por Favor, Sucesso*. Como foi aquele encontro com o Carlinhos Hartlieb no Sarandi e como vocês decidiram defender aquela música no festival?**

**Fughetti Luz -** Estávamos numa casa no Sarandi ensaiando pra caramba e daí entra Carlinhos Hartlieb trazendo a canção



Músico dizia que a paralisia infantil foi 'um presente' para ele



Fughetti Luz quebrando tudo com o Bixo da Seda

**Por Favor, Sucesso.** “Vocês querem defender minha música?”. “Nós queremos”. Na cortiça, na brincadeira. Também defendemos *Olha Os Lírios nos Campos*, que tirou décimo primeiro lugar (Fughetti Luz recita a letra). É uma gracinha. Gosto muito dessa música. O disco significou uma grande abertura de portas para minha vida, no sentido de eu poder dar música, alegria e arte para as pessoas. E também poder fazer rock’n’roll para a rapaziada de todas as gerações. Já faz um tempinho que estou na área. E isso é maravilhoso.

**Viver - Por que você faz questão de dizer que defende o rock em ‘brasileiro’, e não em português, e como vê essa imposição do inglês na nossa cultura?”**

**Fughetti Luz** - Eu sempre vou defender o rock em brasileiro, porque o idioma que falamos é “brasileiro” e não português. Utilizamos muitas palavras que não têm nada a ver conosco. Temos gírias brasileiras. Estão nos empurrando inglês goela abaixo, também. O brasileiro, na minha opinião, gosta muito de imitar o norte-americano. A obrigação de se falar em inglês porque daí tu vais ser culto, vais ter emprego... Dia desses estava vendo um telejornal e perguntaram a uma norte-americana se ela sabia onde ficava o Brasil, e ela disse que não sabia nem da existência do Brasil, quanto mais onde ficava o nosso país. Aquilo ali me deixou tão triste e bravo, ao mesmo tempo.

**Viver - Você usa o termo ‘operários do som’ para descrever o Liverpool. De onde vinha essa necessidade de se dedicar tanto tempo aos ensaios e como você percebeu que a música era algo que já nasceu com vocês?”**

**Fughetti Luz** - A gente trabalhava muito. Desde os tempos do Liverpool, a gente acordava às sete da manhã para ensaiar. Alugávamos uma sala ali no Clube Zequinha... Nossa rotina de ensaio era até o meio-dia. Daí cada um voltava para os apartamentos das respectivas mães, a gente almoçava e depois retornava para ensaiar. A gente só saía quando todos os operários da Zivi-Hercules batiam o ponto para sair. Éramos operários do som. A gente se dedicava mesmo. Tínhamos nascido para aquilo. A música já estava em nós. E eu amo a música. Eu sou chapado de música.

**Viver - Hoje o álbum de 1976 é visto como um dos pilares do rock nacional. Enquanto gravavam as músicas, vocês tinham dimensão de que o disco se tornaria um clássico tão respeitado?”**

**Fughetti Luz** - Sou agradecido por o disco do Bixo da Seda ter sido um dos principais e mais cultuados discos de rock gravados no Brasil na década de 1970. No Rio, enquanto gravamos o disco, morávamos entre

Ipanema e Leblon. Quando estávamos de folga, pegávamos uma praia bonita no Arpoador. Morávamos todos juntos. Uma boa confusão.

**Viver - Mencionaste que ver a ‘rapaziada’ levando seu som adiante te deixa mais saudável. Qual é, para você, o verdadeiro poder curativo da música e como ela tem atuado na sua própria vida e saúde nos últimos tempos?”**

**Fughetti Luz** - Fico feliz, meu coração se alegra. Gosto muito da rapaziada, acho muito legal eles levarem adiante a música que eu faço, o rock ‘n’ roll em que eu trabalhei tanto para pôr na roda, e isso me deixa cada vez mais saudável mentalmente e fisicamente. Pois isso faz parte de uma cura; a música cura. A música tem um poder mágico. Te leva adiante, te faz ter sentimentos profundos. Te faz ter lágrimas nos olhos ou sorrisos. Então sou feliz por fazer música e também por distribuí-la para todos.

**Viver - O rock ‘n’ roll entrou na sua vida através dos seus irmãos, com os discos do Elvis e do Chuck Berry. Quando você percebeu que o rock não era apenas um som, mas uma missão de vida?”**

**Fughetti Luz** - Eu escuto música desde pequeno. Na minha casa só rolava som. Meu irmão mais velho trouxe Elvis Presley para dentro da baía, trouxe Chuck Berry. Quando eu ouvi Chuck Berry, eu pensei: “É isso aí que eu quero fazer: rock ‘n’ roll!”. Rock ‘n’ roll é o que eu sempre quis fazer. Daí eu ouvi tudo a que eu tinha direito. Meus irmãos dançando na sala... Era o maior barato. Depois me influenciaram por um monte de gente no Brasil: a Jovem Guarda, os festivais, depois chegaram o Caetano, o Gil, o Chico. A música brasileira é um show, um xodó. Toca para os gringos e eles ficam babando. A harmonia da música brasileira não tem igual.

**Viver - De onde vem essa sua bagagem literária tão vasta e esse seu interesse por temas que fogem tanto do comum?”**

**Fughetti Luz** - Quando criança, eu via o ‘hipnotizador’, que eu chamo de televisão, mas eu lia muito sobre a história da Grécia, li Hermann Hesse, George Orwell, Krishnamurti, Blavatsky, Nietzsche – que li muito. Nietzsche é o grande amor da minha vida. É a inteligência ao ponto extremo, tudo ou nada. Não tem meio-termo. *O Senhor dos Anéis*, do Tolkien, eu li bem antes de chegar ao filme. Eu deixava o futebol para ler *O Senhor dos Anéis*. Eu queimei meus olhos de tanto ler. Por causa disso, eu tinha até que usar óculos, mas eu não uso, não.

**Viver - O Liverpool teve uma**

**participação marcante no filme Marcelo Zona Sul. Como foi levar o rock gaúcho para o cenário de Saquarema e como você sentia que a energia daquele lugar e do cinema se fundiam com a ‘vibração cósmica’ que vocês buscavam na época?”**

**Fughetti Luz** - Foi um lance legal para o cinema, um momento de pura sincronicidade. O diretor Xavier de Oliveira estava capturando aquela alma jovem do Rio, e o som do Liverpool era o elemento ar que faltava para dar leveza e psicodelia àquelas imagens. A gente carregava uma vibração muito forte, uma vontade de transmutar a realidade através da arte. Fomos para o Festival de Saquarema, que era o nosso templo sagrado de areia e sal. Naquela época, Saquarema era o reduto da liberdade, o ponto de encontro de quem buscava uma conexão mais profunda com a natureza e com o cosmos. Estar lá era como um ritual: o som batendo nas ondas, o sol purificando a nossa música. A gente foi lá e fez o que o espírito pedia.

**Viver - O disco Tempo Feiticeiro parece ser a realização de um grande sonho, apesar de todas as dificuldades financeiras e políticas pelo caminho. O que esse álbum representa para a sua alma e como foi a experiência de gravar com a sua família e amigos com financiamento coletivo?”**

**Fughetti Luz** - Eu, o Marcelo Truda e o Guimarães... Comecei a brincar com uma música que eu tinha na manga desde os tempos do Bixo da Seda (*Hendrixmania*). Surgiu desse dia. O Truda falou: “Vamos fazer um disco, Fuga?”. E eu disse: “Vamos”. Esse é o disco da minha vida, pois juntei as músicas mais importantes espalhadas por outros discos.

Era o meu sonho: fazer um disco de rock’n’roll mesmo. Esse disco tem um valor imenso para minha alma e para o meu coração. Depois dele posso partir daqui tranquilo, pois deixei um disco com nobreza no coração. As criancinhas podem dançar na sala, brincar, cantar e pular. É o disco com as músicas mais legais que fiz.

**Viver - Você fala que seu coração pulsa forte ao mencionar o Tempo Feiticeiro e o compara a uma criança brincando na areia. Por que, depois de tantos anos de estrada, esse disco em específico carrega essa carga emocional tão pura e tão visceral para você?”**



“Eu sempre vou defender o rock em brasileiro. Falamos ‘brasileiro’, e não português”

**Fughetti Luz** - Aconteceu que o disco foi aprovado pelo Ministério da Cultura do governo Dilma, mas, um dia após ela ter caído, o dinheiro foi suspenso. De um dia para o outro, tudo o que é arte foi cortado. Ficamos sem pai nem mãe, com o disco já para gravar, todo arranjado. Mas conseguimos viabilizar por meio de financiamento coletivo. Fora todas as pessoas que tocam no disco, botei minha filha, minha neta para cantar, botei toda a rapaziada para cantar. E não precisava ser profissional; é preciso ser um ser humano, gente. E aí saiu *Tempo Feiticeiro*, como criança brincando na areia de pé no chão. E assim meu coração pulsa mais forte toda vez que falo em *Tempo Feiticeiro*. É uma grande emoção.

**Viver - O grupo Império da Lã levou Nosso Lado Animal para um terreno completamente diferente: a Dance Music. Como é para um roqueiro de raiz ver sua composição sair das guitarras e mergulhar nas batidas eletrônicas?”**

**Fughetti Luz** - *Nosso Lado Animal* é tão legal que ficaria boa até em versão pagode. Com todo respeito, rapeize, mas eu queria levantar e sair dançando agora. Que versão! Música é isso aí: tem que voar, se renovar, atravessar os tempos.

**Viver - O Glênio Reis foi um dos primeiros a perceber que o Liverpool não era apenas “mais uma banda de rock”, mas um grupo com uma sofisticação técnica diferenciada. Como foi esse aval para vocês, e o quanto isso pesou para que vocês se sentissem prontos para o Maracanãzinho?”**

**Fughetti Luz** - O Glênio Reis foi um mestre para a gente; ele tinha um ouvido clínico e um espaço no

rádio que ninguém mais ocupava com aquela coragem. Ele dizia que a gente tinha “estofa”. E realmente, o Liverpool era muito afinado, a gente ensaiava até os dedos sangrarem naquela casa do Sarandi. Quando o Glênio começou a botar a gente no ar, o Rio de Janeiro passou a ser um destino natural, não apenas um sonho. Ele foi a ponte entre a nossa “bagunça” criativa no Sarandi e o profissionalismo que o mercado exigia.

**Viver - Existe um período de transição muito rico e, às vezes, pouco explorado entre a dissolução do Liverpool, no início dos anos 1970, e o surgimento do Bixo da Seda. O que aconteceu na tua vida e na tua música durante esse intervalo?”**

**Fughetti Luz** - Aconteceram várias coisas entre o fim do Liverpool, em 1973, e o início do Bixo da Seda, que era uma banda mais rock’n’roll. Fiquei um ano e dois meses fora, na Europa, depois do Liverpool. Quando voltei pra Porto Alegre, fiz a Laranja Mecânica, a Trilha do Sol... E depois uma banda chamada Bobo da Corte. O Bixo da Seda já estava rolando – e com o mesmo time do Liverpool: o Mimi, o Edinho, também o Cláudio Vera Cruz e o Peko Santana. Só eu que não estava junto.

**Viver - Mesmo com o passar das décadas, você afirma que permaneceu hippie. O que significa ser um ‘hippie autêntico’ hoje e qual a mensagem de ‘paz e amor’ que você ainda faz questão de colocar na roda?”**

**Fughetti Luz** - Eu permaneci hippie porque é desta forma que eu vivo, penso e sinto, porque minha liberdade é paz & amor. Hippie desdobra, não fica de bicão, toca uma canção por um prato de comida, alegra as pessoas que estão tristes pelas ruas, dá um sorriso, traz uma flor, põe um som na roda e não fala bobagem. Não existe mais hippie autêntico hoje em dia; acho que por aqui estou só.



DIVULGAÇÃO/JC



Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irredutíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas 100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).

# nas telas

## Terror e mistério na madrugada

Neste sábado, a partir das 23h, a Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085) recebe mais uma edição do Madrugadão Fantaspoa, uma das atividades mais esperadas pelos apreciadores de mistério e terror que acompanham o festival. Em meio à atmosfera da noite porto-alegrense, o evento propõe uma verdadeira viagem por um universo onde fantasia e realidade se confundem. Nesta edição, serão exibidos em sequência os filmes *Godzilla*

em *Santa Fé*, de Alexander Duré; *Peeping Todd*, de Josh Munds; *Carne Mata*, de Martijn Smiths; e *Mad Mask*, de Nagano e Arai Katsuya. Além da programação de filmes, o público poderá aproveitar o Fantaspoa Bar, localizado no segundo andar do Capitólio e que ficará aberto a noite toda, com café, chopp e comidas. Confira as sinopses e toda a programação do Fantaspoa 2026, espalhada por diferentes salas de cinema da Capital, em [fantaspoa.com](http://fantaspoa.com).



Filmes como *Mad Mask* estão no Madrugadão Fantaspoa, neste sábado

## Clássico de Camus na telona

Baseado no clássico de Albert Camus, *O Estrangeiro* traz aos cinemas a filosofia do absurdo da condição humana. Dirigido pelo francês François Ozon, o longa é estrelado por Benjamin Voisin, que dá vida a Meursault, um francês indiferente e apático que vive na Argélia ocupada dos anos 1930 e demonstra uma completa aversão pela vida. Inca-

paz de expressar emoções da forma esperada pelos outros, ele vê sua rotina ser interrompida pela morte da mãe - situação que é incapaz de fazê-lo derramar uma lágrima. O distanciamento emocional do protagonista o leva a um assassinato. Levado a julgamento, o tribunal não apenas escrutina o crime como também o seu caráter.

## O terror que surge de dentro do sarcófago

Novo horror do diretor Lee Cronin, *Maldição da Múmia* chega aos cinemas neste final de semana. Em seu terceiro longa, Cronin mergulha no *gore* e no terror escatológico para explorar ao máximo o conceito e os processos de mumificação humana. O longa traz a história de uma família surpreendida pelo inesperado retorno da

filha Katie (Natalie Grace e Emily Mitchell), desaparecida há oito anos no deserto sem deixar pistas. Ainda dilacerados pela perda, os pais (Jack Reynor e Laia Costa), de forma inesperada, recebem o telefonema que tanto aguardavam: Katie está viva. Porém, o que deveria ser um reencontro feliz se transforma em um pesadelo vivo.

# palavras cruzadas diretas

[www.coquetel.com.br](http://www.coquetel.com.br)

© Revistas COQUETEL

Evento, em Belém, do bloco socioambiental latino-americano OTCA (2023)	Demitir de cargo público Raciocínio indutivo (Filos.)	1.051, em algarismos romanos	"Nem (?), nem Lixo", hit de Rita Lee Homofonia essencial no cordel (Lit.)	Poetisa Nobel de Literatura de 1945
Pais com maior PIB per capita do mundo				
Afeção cerebral que vitimou Catarina II				Mastiga à maneira dos preás
Órgão indigenista oficial do Estado brasileiro		Apoio oferecido ao amigo		
Espécie de saite usado pelos malaio		Oferta do garçom ao servir a bebida	Advocacia-Geral da União (sigla)	
(?) roupas: utilidade do cloro		Alvo do roubo do abigeatário (jur.) (?) Antunes, cantor e compositor	Waza- (?), golpe "Belo", em "caligrafia"	Tema de "Morte e Vida Severina"
			Limites do quarteirão Saudação telefônica	
Inspecciona os circuitos da F1 (sigla)		Código de "Rússia", no endereço da web Torne mais cortante (a lâmina)	Casa (fig.) Nacional (abrev.)	
Pedra (?), fórmula secreta da Alquimia				
Porto dos (?), a atual Porto Alegre (RS)	Bondoso; generoso	PC da Apple Fraqueza (fig.)	Rei de Judá (Bíblia) Corpo celeste	Cidade cearense Salvo; exceto
			Unidade da vila Agência da ONU	
Caráter da produção agrícola			Tribunal federal Comer, em inglês	
Música simples (pop.)				
Registra a velocidade do vento (Met.)		Letra sagrada da Maçonaria	O desejo do indivíduo hospitalizado	
Que tem agudeza de espírito			"(?) Foi Você", hit de Angela Ro Ro	

BANCO 3/atl. 6/casais — soledo. 7/epagoge. 8/sarongue. 9/apoplexia. 18

#FaçaCoquetel  
Assine e receba no conforto da sua casa!  
[www.assinecoquetel.com.br](http://www.assinecoquetel.com.br)

Acesse nosso site!

COQUETEL

### Solução

V	L	O	I	Z	G	V	S
R	V	A	S	I	I	I	
O	T	E	M	O	M	E	N
F	S	O	D	O	S		
S	V	C	T	V	N	O	Z
A	V	S	V	W	V	C	
O	M	I	N	A	N	G	V
R	V	L	U	R	V	V	I
O	T	V	A	R	E	V	L
S	E	S	V	G	V	O	
I	I	E	N	O	V	S	
R	I	V	A	G	E	T	O
O	R	W	O	I	V	N	F
V	A	X	E	T	P	O	V
O	R	G	U	R	E	M	X
							E

## horoscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

**Áries:** O ciclo de renovação iniciado há um ano, e que até aqui foi mais de demolição, começa nesta luação a fase de construção. Aprimore suas atitudes e seja o seu melhor.

**Câncer:** A Lua Nova indica novo impulso para a carreira profissional. É tempo de você retomar projetos e interesses, mas agora dentro de um novo enfoque. Priorize os novos caminhos.

**Touro:** É tempo de vencer sua natural inércia, e começar o que precisa ser começado em sua vida. Faça um esforço para superar aquilo que achava que era um limite seu.

**Leão:** Os valores morais e espirituais se renovam. O que poderia haver de equivocado em sua visão de mundo poderá ser superado e aprimorado. Abra-se a novas ideias.

**Gêmeos:** Retomar amizades e atividades sociais será agora muito oportuno. Seus preconceitos devem ser revisados. Aponte sua vida numa direção nova, faça valer o espírito renovador.

**Virgem:** Há coisas em sua vida que serão eliminadas ou simplesmente poderão morrer ou terminar. É tempo de ter desapego diante de velharias que não podem mais continuar.

**Libra:** A relação a dois poderá se definir melhor, ingressando em nova fase, liberta do que antes confundia e atrapalhava. Afirme as boas relações e boas pessoas que estão ao seu lado.

**Capricórnio:** A relação com sua família irá mudar neste ciclo. Uma atitude sua pode mudar, ou poderá mesmo mudar de casa, cidade ou família. Reformas domésticas estão favorecidas.

**Escorpião:** Sua rotina irá passar por boas mudanças nestes tempos. Uma nova ordem será ativada em suas ações no trabalho e na vida pessoal. Você poderá inovar em seu trabalho.

**Aquário:** As formas de se comunicar e se relacionar com as pessoas devem mudar. Ainda mais ao perceber que algo não estava adequado em sua maneira de se colocar ou receber.

**Sagitário:** Momento estimulante para a vida amorosa e sentimental. Você se entusiasma por novas emoções. Mas é preciso aceitar tudo aquilo que carece de renovação.

**Peixes:** Uma nova ordem na vida material vem a calhar. É preciso mudar o que não era consistente, o que era apenas sonho. Vá atrás de conquistas materiais bem concretas.



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Roberto Feith estreia na ficção

Roberto Feith, jornalista, editor e produtor independente de televisão, trabalhou na TV Globo como correspondente de 1977 a 1984, em Paris e Londres. Feith criou séries documentais, campanhas políticas e musicais e foi editor-chefe do Globo Repórter. Em 1993 fundou a Editora Objetiva, em 2005 associou-se ao grupo espanhol Prisa Santillana e, em 2014, vendeu sua participação para o Grupo Companhia das Letras/ Random House. Atualmente, Roberto conduz o selo de não ficção nacional História Real, da Editora Intrínseca.

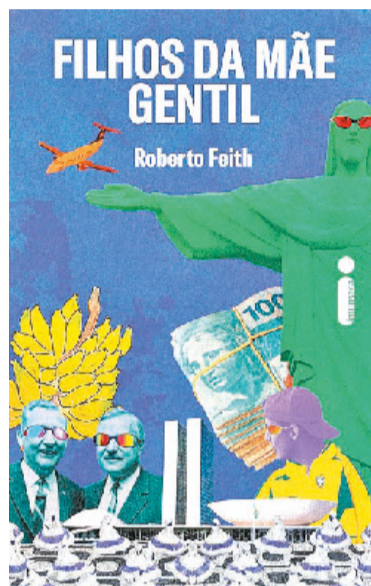
Jornalista experiente, consagrado, Feith dedicou boa parte de sua vida a reportar os fatos. No Brasil de hoje - e até em nosso imprevisível passado - os fatos por vezes são mais fantásticos do que qualquer ficção.

*Filhos da mãe gentil* (Editora Intrínseca, 352 pág, R\$ 79,90) é o romance de estreia de Feith. A narrativa tem vários protago-

nistas. Roberval Pompermayer, fio condutor, repórter veterano, desempregado, vivendo de fri-las, já viu dias melhores e quer apenas vender um terreno que herdou para ajeitar a vida dos filhos. Numa barganha faustiana, ele topa ajudar Wozinton Polozola, filho de um poderoso bicheiro que quer se tornar uma celebridade.

No caminho, Roberval assume a comunicação de uma startup de IA, a grande sensação do mercado financeiro. Negocia com lobistas mercenários, políticos venais, é ameaçado por capangas, descobre o mundo da aviação privada e se apaixona perdidamente por Flordenira, jovem e talentosa executiva, a quem vai proteger.

Com linguagem envolvente, muita ação, capítulos curtos e ritmo e diálogos velozes, como folhetins televisivos, o romance *Filhos da mãe gentil* é uma estreia madura e promissora, com personagens que habitam os



mundos dos negócios, política, crime, jornalismo e artes correndo atrás de fama, dinheiro e poder. Na disputa feroz, quem é amigo do Rei leva vantagem. Enfim, muitas reviravoltas e aventuras com personagens, locais e situações bem brasileiros, filhos da mãe gentil.

## e palavras...

### COMO OS TIRANOS CAEM (E AS NAÇÕES SOBREVIVEM)

A questão do poder dos tiranos e de suas ascensões e quedas segue mais antiga do que andar a pé. Mesmo depois de milênios de estudos, convívio humano e história, os tiranos andam por aí, com poder absoluto corrompendo absolutamente, no dizer de Lord Acton. Eles se acham invencíveis, imortais e não leram história ou, se leram, esqueceram as lições que deveriam ter aprendido para não terminar no exílio, na cadeia ou no cemitério, como aconteceu com a maioria dos autocratas que caiu desde a Segunda Guerra Mundial.

*Como os tiranos caem e como as nações sobrevivem* (Editora Rocco, 240 pág, R\$ 84,90, tradução de Clóvis Marques), de Marcel Dirsus, consagrado e experiente cientista político alemão, é um livro intenso, interessante, vívido e provocativo, além de contar com linguagem envolvente e apresentar tema essencial. Marcel esteve em Oxford, trabalhou na República Democrática do Congo durante uma tentativa fracassada de golpe e escreve a *newsletter The Hundred* sobre política. Dirsus é consultor de grandes empresas e organizações internacionais, como a Otan e a OCDE, e escreveu artigos e pesquisas para grandes veículos como The New York Times, Foreign Affairs e The Washington Post, entre outros. Dirsus também trabalhou no Ministério das Relações Exteriores da Alemanha.

*Como os tiranos caem e como as democracias sobrevivem* é uma obra muito bem embasada, que resultou de dez anos de estudos, leituras, pesquisas e é muito útil

nesse cenário internacional marcado pelo fortalecimento de regimes autoritários. Marcel revela as fragilidades dos líderes autocráticos que buscam poder absoluto e pretende, com seu livro e suas ideias, apontar caminhos para que as pessoas possam livremente ter voz na forma como são governadas.

O livro de Marcel é abrangente e narra trajetórias de tiranos de várias partes do mundo. O autor recorreu a entrevistas com diplomatas, jornalistas, dissidentes, militantes de direitos humanos e (ex-)espões para desvendar as vulnerabilidades dos homens mais poderosos do mundo. Por meio de uma minuciosa pesquisa, Marcel busca responder três questões principais: como os tiranos se mantêm no poder, como é possível destituí-los e, mais importante, quais são as consequências disso. Afinal, o que vem depois da queda de um ditador?

Em síntese, o livro também se apresenta como um guia essencial para lutar contra a tirania e um norte para nos prepararmos para tudo - de bom e de ruim - que vem depois. Quando um tirano cai, os resultados podem ser catastróficos. Para ele, para os cidadãos, para a nação e para o mundo. Os tiranos vivem com medo, tentam parecer inabaláveis, invencíveis, mas enfrentam ameaças constantes vindas de todos os lados, seja de integrantes de seu círculo mais íntimo, das elites militares, da população descontente, de assassinos ou de revolucionários. O sentimento de medo nunca se acaba, porque ditadores não se aposentam.

## lançamentos



› **Felipe Daiello - um escritor luso-brasileiro com visão mundial** (AGE Editora, 136 pág), de Eduardo Jablonski, consagrado e premiado escritor, quarenta livros publicados e professor universitário, fala dos 18 livros e das inúmeras viagens do renomado e prolífico escritor, empresário e homem de cultura Felipe Daiello. Na obra, Daiello fala de viagens, história, memória e inquietação social.



› **O livro dos leitores imaginários** (Arquipélago, 208 pág, R\$ 69,90), de Rodrigo Breunig, escritor, tradutor e jornalista, autor do romance *A última noite das bicicletas*, tem 101 narrativas curtas inspiradas em leitores fictícios criados por grandes autores da literatura, como Machado de Assis e Jorge Luis Borges. A obra combina diferentes formas: conto, poema, verbetes, ensaios breves, aforismos, anedotas e colagens.



› **Inteligência Cênica** (Ipê das Letras, 220 pág, R\$ 60,00), de Ronaldo Loyola, professor, consultor e especialista em cultura organizacional, liderança e desenvolvimento humano, fundador da Loyola HR Consulting, fala da nova competência essencial para o futuro do trabalho: a capacidade de atuar com consciência, empatia e autenticidade em cada interação profissional.

## a propósito

Os tiranos bem que poderiam fazer menos mal a si mesmos e aos outros. Deveriam ler o Eclesiastes, e aí seriam menos vaidosos, egoístas, psicopatas, impiedosos e não usariam a racionalidade para o mal. Deveriam lembrar que suas fraquezas cruciais se tornam armadilhas fatais contra eles. Seja a família, os assessores mais próximos, as elites militares res-

sentidas, a insatisfação popular ou revolucionários conspirando no exílio, os tiranos tem muito mais inimigos que amigos. Um dia a casa cai. Uma vez depositos, ao contrário do que ocorre com líderes democráticos, os tiranos enfrentam o exílio, a prisão ou a morte. O tempo, o sol, a lua, o mar, a natureza e as nações seguem.

(Jaime Cimenti)

# pensando cultura



FABIOLA CORREA/JC

No ano de 2024, eram cerca de 51 mil estabelecimentos no setor editorial e livreiro, gerando 70 mil empregos formais em todo o Brasil; crescimento nominal de vendas das editoras foi de 3,7%

## Mercado literário está mais acessível para editoras e autores independentes

Emilly Rodrigues

Segundo a última pesquisa da Câmara Brasileira do Livro (CBL), o mercado literário brasileiro sofreu algumas alterações que impactaram sua relevância e o tornaram mais acessível para os profissionais relacionados à produção e impressão de obras literárias. No ano de 2024, havia cerca de 51 mil estabelecimentos no setor editorial e livreiro, gerando 70 mil empregos formais em todo o Brasil.

As editoras, por exemplo, apresentaram um crescimento nominal de 3,7% nas vendas ao mercado, produzindo 366 milhões de exemplares, entre eles 361 milhões de exemplares impressos, gerando um faturamento de R\$ 6,6 bilhões - R\$ 4,2 bilhões para o mercado e R\$ 2,4 bilhões para o governo.

Com o crescimento das editoras independentes e a autopublicação de autores, o Rio Grande do Sul apresentou um crescimento na produção de obras inéditas. “Iniciativas de incentivo, feiras, festivais e o engajamento de comunidades

leitoras têm contribuído para ampliar esse movimento”, explica Roseni Kohlmann, presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro. “A 71ª Feira do Livro de Porto Alegre, no ano passado, registrou mais de 245 mil livros vendidos, um crescimento de 16,9%”, destaca a presidente.

A evolução da tecnologia e as oscilações econômicas ampliaram os meios de produção, impressão e divulgação do livro de diferentes formas, tanto no meio impresso quanto no digital. “Houve oscilações importantes nos últimos anos. O aumento no custo do papel e de outros insumos impactou diretamente a produção editorial, o que se refletiu nos orçamentos”, reforça a presidente. Essas alterações possibilitaram que editoras e autores independentes reinventassem as formas de publicar suas obras. Assim, o mercado se tornou mais competitivo.

Roseni afirma que essa maior acessibilidade traz o desafio de destacar-se em meio a um volume crescente de obras, o que também é relatado por Mateus Spalding, diretor da

Editora Metamorfose. “O maior desafio de uma editora sempre é a distribuição, fazer o livro chegar mais longe, em lugares diversos. Acabamos ficando sempre presos a feiras locais, iniciativa dos autores ou trabalhos digitais.”

Algumas editoras reformularam seus sites de venda, divulgando seus livros entre as plataformas digitais, um hábito que foi acentuado na pandemia, como foi o caso da Editora Coralina. “As redes sociais se tornaram parte do processo editorial, *posts*, *reels* e toda a miríade de possibilidades que as redes sociais oferecem. A Editora precisou contratar um profissional para cuidar das redes e assessorar os autores”, comenta Pedro Paulo Graczcki, publisher da editora.

“Com a falência das livrarias Cultura e da Saraiva, as editoras perderam muita ramificação, e com a entrada da Amazon muitas pessoas que não estavam acostumadas passaram a comprar online”, afirma Andréa Rivo, analista administrativa da Editora Libretos. “Os softwares

de publicação tiveram mais qualidade, com letras do tamanho certo, facilitando a legibilidade, detalhes que foram percebidos pelo leitor.”

As plataformas digitais também ampliaram as ferramentas disponíveis para os autores independentes, como a Amazon KDP, Clube de Autores, UICLAP e Simplíssimo, possibilitando que os próprios autores gerenciem a divulgação de seus livros. “Meu primeiro *e-book* foi baixado por mais de 20 mil pessoas ao redor do mundo, principalmente no Brasil, mas também na Europa, Estados Unidos e algumas partes da Ásia”, comenta Leonardo Bonomini, psicólogo e escritor.

Por mais que o retorno financeiro da publicação ainda seja modesto, o objetivo da divulgação dessas obras passou a focar também na disseminação de conhecimento, em parte pela maioria dos autores independentes. “Muitos transformam seus livros em portas de entrada para outras oportunidades, como palestras, consultorias, projetos educacionais e parti-

cipação em eventos. Ou seja, o livro, hoje, é menos um fim em si mesmo e mais um catalisador de novas possibilidades profissionais e culturais”, destaca a presidente Roseni.

Os desafios do mercado literário consistem não somente em que a obra tenha qualidade, mas o autor precisa de presença digital, engajamento com a atenção do leitor, e boa comunicação, independente de estar em uma editora ou não. Como a cada ano mais obras são produzidas, o leitor decide rapidamente se quer ler um livro ou não, o que exige das editoras e dos autores divulgação e posicionamento para construir sua posição no mercado.

Contudo, a presidente Roseni é positiva sobre as expectativas no mercado literário este ano. “No Rio Grande do Sul, especialmente, vemos um ambiente fértil para a produção local continuar crescendo, com mais visibilidade e reconhecimento. É um momento de transformação, mas, acima de tudo, de muitas oportunidades para quem produz e para quem lê.”